

Artigo

Silenciamentos e ruídos da história latino-americana no conto *Só vim telefonar*, de Gabriel García Márquez

Silences and noises in Latin American history in the short story *Só vim telefonar*, by Gabriel García Márquez

Robson Pereira da Rosa¹ , Adriana Martins¹ 

¹ Universidade Franciscana, Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

Neste estudo tem-se como objetivo realizar a interpretação do Conto *Só vim telefonar*, que compõe a obra *Doze contos peregrinos*, escrito por Gabriel García Márquez (1992). Por meio desta narrativa, a peregrinação da personagem María de la Luz Cervantes é analisada em sua representação quanto à violência que contextualizava os anos dos regimes ditatoriais na América Latina. Para efeitos metodológicos, este é um trabalho qualitativo, com características interpretativas. Com base na análise do conto e representação literária é possível afirmar que a violência da ditadura oprimiu a sociedade, silenciou, exilou, marcou e violentou latino-americanos e latino-americanas. Com efeito, García Márquez narra o sofrimento de sua personagem María e o faz de modo ficcional, sem deixar de representar a aspereza e a estupidez que permeiam os exílios.

Palavras-chave: Literatura Latino-Americana; *Doze contos peregrinos*; Estudo da representação literária; Violência

ABSTRACT

The aim of this study is to interpret the short story *Só vim telefonar*, which makes up the book *Doze contos peregrinos*, written by Gabriel García Márquez (1992). Through this narrative, the pilgrimage of the character María de la Luz Cervantes is analyzed in terms of her representation of violence that contextualized the years of dictatorial regimes in Latin America. For methodological purposes, this is a qualitative work, with interpretative characteristics. Based on the analysis of the story and the literary representation, it is possible to affirm that the violence of the dictatorship oppressed society, silenced, exiled, marked and violated Latin Americans. In effect, García Márquez narrates the suffering of his character María and does it in a fictional way without ceasing to represent the harshness and stupidity that permeate exiles.

Keywords: Latin American Literature; *Doze contos peregrinos*; Literary representation study; Violence

APRESENTAÇÃO

Nas veias da história latino-americana, Gabriel García Márquez, o Gabo, registrou sua arte literária. Ao olharmos para trás, deparamo-nos com um jardim mágico e um esplendoroso legado de um escritor que vivenciou as nuances da América Latina e narrou, com legítima compreensão, a realidade social por meio da ficção. A nudez da alma humana, explorada tão magistralmente por Gabo, mostra a política, o amor, o ciúme e os dilemas da vida, mas principalmente, narra a solidão e a melancolia de uma América que sofreu nas mãos de governos autoritários e com violentas ditaduras, as quais tolheram liberdades e isolaram vidas.

Na tecitura triste da história há uma forte solidão que acompanha as personagens de García Márquez, assim como há uma narrativa única e plural que move suas histórias. Abraçados pelo realismo mágico, pelo peso da melancolia, seus leitores mergulham e são tomados pelas dores e silenciamentos da alma de suas personagens, que refletem as dúvidas e questionamentos de quem se encontra exilado do seu próprio eu e deseja de alguma forma se reencontrar e, por que não, se encontrar de fato consigo, distante de casa, distante de sua terra natal.

Nesta perspectiva, o objetivo neste estudo é realizar uma análise literária e interpretativa do conto *Só vim telefonar*, uma das narrativas que compõe a obra *Doze contos peregrinos* (1992)¹, história de latino-americanos na Europa, escrita por Gabriel García Márquez. Por meio do conto interpretado, a peregrinação da personagem María de la Luz Cervantes é analisada em sua representação quanto à violência, nos desdobramentos do exílio e da história que contextualizavam os anos 60, 70 e 80 na América Latina. A tentativa de aproximar a literatura e a história tem relação com o interesse em recuperar “[...] uma categoria perdida com o recrudescimento da narrativa, a categoria da experiência na fonte histórica, bem como no discurso historiográfico” (Piglia, 1998, p. 46-47 – tradução nossa).

¹ Neste artigo consideramos a obra *Doze contos peregrinos*, de Gabriel García Márquez (1992), traduzida de seu original *Doce cuentos peregrinos* para a Língua Portuguesa por Eric Nepomuceno.

Essa relação entre história e literatura, por meio da narrativa, é estabelecida por Paul Ricoeur (1994), o qual declara que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (Ricoeur, 1994, p.15). O autor ainda explica que a narrativa histórica está implicada na experiência vivenciada e na possibilidade da ficção literária realizar o que no passado histórico não foi realizado. Neste viés, “o quase passado da ficção torna-se assim o detector dos possíveis escondidos no passado efetivo” (Ricoeur, 2010, p. 327). Consiste, pois, de um elo entre a verossimilhança da ficção e o passado histórico, o qual a literatura pode realizar, porque é livre das limitações e imposições da história.

A metodologia estabelecida para elaboração deste estudo é de abordagem qualitativa, com características interpretativas. “O cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação. Não há uma receita ou fórmula, nada dado de antemão que assegure um ato interpretativo eficaz” (Durão, 2015, p. 382). Neste estudo, a preocupação é com a compreensão, a explicação e a descrição da narrativa, a partir dos significados que não podem ser mensuráveis. Ainda, conforme explica Durão (2015, p. 378), a literatura “pode servir de inspiração para todas as ciências”, pois ela estabelece diálogo nas ciências humanas em temáticas diversas que são representadas nas narrativas. E são a partir dessas representações do tecido narrativo de *Só Vim Telefonar* que a análise e a interpretação do conto são contruídas.

Na perspectiva das nuances que estão imbricadas às obras literárias, o contexto histórico, político e social em que o autor está situado tem um papel interessante para se considerar no estudo das narrativas literárias. A exemplo do que é relatado por García Márquez, no prólogo de *Doze contos peregrinos* (1992), quando o autor explica que os textos dos contos foram escritos e reescritos ao longo de dezoito anos:

Como não tinha em casa um caderno de anotações na noite em que resolvi começar, meus filhos me emprestaram um caderno escolar. Eles mesmos o levavam em suas mochilas de livros em nossas viagens

frequentes, com medo de que fosse perdido. Cheguei a ter 64 temas anotados com tantos pormenores que só faltava escrevê-los (García Márquez, 1992, p.10)

Entre idas e vindas, muitas correções, revisões e mudanças na história, os anos foram passando. Dentre esses contextos, o caderno, no qual estavam os contos, desapareceu da biblioteca de Gabo, de forma misteriosa, então o autor precisou recuperar e reescrever seus textos. Gabo explica:

Lembro de ter mantido o caderno sobre a minha mesa do México, naufrago numa borrasca de papéis, até 1978. Um dia, procurando outra coisa, percebi que o havia perdido de vista fazia tempo [...]. Não sobrou na casa um canto sem ter sido revistado a fundo. Removemos os móveis, desmontamos a biblioteca para termos certeza de que não havia caído atrás dos livros, e submetemos os empregados e os amigos a inquisições imperdoáveis (García Márquez, 1992, p.12).

Os contos foram publicados somente em 1992 e *Doze contos peregrinos* parece ser um retrato do que acontecia nos idos das décadas de 60, 70 e 80, um recorte histórico, cuja pintura está sob à luz da literatura latino-americana e da sensibilidade do próprio autor na experiência de seu próprio exílio. Na perda de seus textos, nós leitores podemos identificar o testemunho de Gabo sobre os perigos daqueles tempos na América.

Neste contexto, o conto *Só vim telefonar*, de Gabriel García Márquez, narra a história de María de la Luz Cervantes, que voltava de uma viagem de Zaragoza com destino à Barcelona. Ao se deparar com uma chuva forte e com uma pane no carro, María decide pegar carona em um ônibus cheio de mulheres. Após dormir um pouco, ela chega a um lugar onde apenas almeja telefonar para o marido, pois precisa avisar que está atrasada para chegar em casa. María acha um pouco estranho e sombrio o local e com o passar do tempo, ela se dá conta de que se trata

de uma casa de enfermas mentais. Após argumentar que está ali apenas para um telefonema ela é colocada entre as internas e é presa. María se vê isolada, limitada, assediada, ameaçada, silenciada, exilada do mundo externo e da sua própria vida.

Ao considerarmos essa narrativa de Gabo, o presente artigo está organizado com a apresentação inicial, seguido da discussão teórica-analítica a partir do conto. Há um desenho teórico, o qual está intitulado como *O contexto histórico e a violência na América Latina*, seguido da crítica reflexiva quanto ao exílio, o qual imbrica os fatos da história aos excertos da narrativa, sob o título Estudo do conto *Só vim telefonar*. Por fim, o texto traz algumas reflexões nas considerações finais, bem como as referências.

O CONTEXTO HISTÓRICO E A VIOLÊNCIA NA AMÉRICA LATINA

A expansão das ditaduras na América Latina foi marcante ao longo do século XX, deixando um legado de repressão, violência e instabilidade política em diversos países. Esses regimes autoritários foram determinados pela supressão das liberdades civis, censura à imprensa, perseguição política e privação de direitos humanos. As origens desse processo estão atreladas ao contexto histórico do período que é posterior à Segunda Guerra Mundial, quando intensas tensões ideológicas existiam entre os blocos capitalista e socialista. Com o apoio dos Estados Unidos, muitos países latino-americanos viram o surgimento de governos autoritários que se opunham ao avanço do comunismo, promovendo políticas de segurança nacional e anti-subversão.

Neste contexto, lembremos do discurso de García Márquez, na ocasião em que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982, pois o escritor destacou o passado sombrio da América Latina. Nas palavras de Gabo, foram cinco guerras e 17 golpes de estado, contexto da ditadura em que 120 mil pessoas desapareceram e mulheres gestantes deram à luz enquanto estavam detidas nas prisões. Nesta descrição de García Márquez, a América Latina da década de 1980, período no qual García Márquez profere seu discurso, passava por momentos turbulentos com a instalação de regimes autoritários.

A partir dos estudos de Eric Hobsbawn (2017), a influência do fascismo manifestou-se de maneira explícita e amplamente reconhecida, seja em diferentes

políticas individuais, como a do colombiano Jorge Eliécer Gaitán e do argentino Juan Domingo Perón. Embora os Estados Unidos tenham nutrido temores infundados de uma suposta ameaça nazista proveniente do hemisfério sul, o impacto mais significativo do fascismo na região concentrou-se sobretudo no âmbito interno de cada nação, moldando suas dinâmicas políticas e sociais. Ainda, segundo (2017) Hobsbawn (2017), é possível dizer que os líderes latino-americanos adoraram e deificaram os líderes populistas e suas ações.

Os vinte anos que antecederam o Nobel de Literatura de García Márquez foram de intensa repressão e perseguição, esses acontecimentos influenciaram o estilo e a literatura de Gabo. Para além do Realismo Mágico, estilo pelo qual o escritor é mundialmente conhecido, García Márquez apresenta uma América Latina que padece no surgimento desenfreado de ditadores, no militarismo, no chauvinismo barato. O escritor foi ressignificando o continente, colocando em suas narrativas a expressão política de forma mágica.

É importante ressaltar a maneira como diversos intelectuais viam na Cuba revolucionária de Fidel Castro um modelo de sociedade livre das amarras estadunidenses e europeias. Como relata Costa (2008, p. 296) a Revolução Cubana influenciou um sentimento de unidade latino-americana que ultrapassou suas fronteiras e foi um marco na luta anti-imperialista, uma possibilidade emancipatória das identidades dos latino-americanas.

Com a militarização de suas instituições a democracia foi atacada, a exemplo do que ocorreu no Brasil, no golpe militar de 1964, que instaurou um regime de ditadura, o qual perdurou mais de duas décadas. Sob o pretexto de combater a ameaça comunista, os militares brasileiros governaram com mão de ferro, reprimindo violentamente a oposição e promovendo um modelo de desenvolvimento autoritário e excludente, baseado em uma doutrina de segurança nacional. Essas estratégias foram programáticas e implementadas em parceria com o governo estadunidense que via ameaça, não apenas no anticapitalismo, mas no liberalismo, sindicatos, intelectuais,

imprensa livre, movimentos estudantis e no dissenso e discordâncias comuns à democracia. O grande capital estadunidense encontrou guarida nesses ditadores e seus regimes, implementando uma ótica privada em detrimento ao serviço público.

Esse modelo influenciou outras ditaduras latino-americanas, a exemplo da ditadura na Bolívia, em 1964; na Argentina, em 1976; no Chile e no Uruguai, em 1973. Na Argentina, após o golpe de Estado, conhecido como Processo de Reorganização Nacional, ocorreram milhares de desaparecimentos, torturas e assassinatos de dissidentes políticos, além de uma política econômica desastrosa que resultou em profunda crise financeira e social. Como nos conta Padrós (2008), há ideologias externas que são distintas das locais, essas ideologias, quando identificadas em algumas pessoas, fazem com que essas sejam tratadas como inimigas, pois não compartilham da mesma tradição política da elite local.

A ditadura no Chile, liderada pelo general Augusto Pinochet, após o golpe de 1973, também deixou um legado de violência. Conforme observa Hobsbawn (2017),

O chefe militar, general Pinochet, permaneceu no poder dezessete anos, os quais ele usou para impor uma política de ultraliberalismo econômico no Chile, assim demonstrando, entre outras coisas, que liberalismo político e democracia não são parceiros naturais do liberalismo econômico (Hobsbawn, 2017, p. 430).

Neste entrono, por meio da chamada Operação Condor, uma aliança entre as ditaduras do Conesul, regimes autoritários colaboraram na perseguição e na eliminação de opositores em todo país. Não apenas esses, mas muitos países latino-americanos experimentaram períodos sombrios de ditadura e autoritarismo ao longo do século XX. A expansão desses regimes foi influenciada por uma série de fatores, incluindo a Guerra Fria, o apoio externo, principalmente o estadunidense, a sabotagem de potências estrangeiras e as fraquezas das instituições democráticas locais. Evidentemente, houve diferenças entre esses regimes autoritários, principalmente sociais e econômicas que não destacaremos aqui.

Dentre os mecanismos de controle desses regimes autoritários, o exílio foi uma das formas de violência utilizadas contra seus opositores. Nas palavras de Said (2003):

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (Said, 2003, p. 46).

No exílio há o afastamento involuntário da terra natal e dos laços familiares e há a exclusão política, cultural e social dos exilados. Neste ínterim, o exílio foi uma ferramenta de dominação e de controle, pois promoveu o afastamento geográfico e físico, a castração da identidade humana e o silenciamento imposto pelo estado ditatorial.

Embora comumente o exílio seja demonstrado e descrito a partir de uma visão masculina, o exílio feminino também foi determinante para uma nova visão feminina sobre emancipação, liberdade e direitos, já que muitas mulheres saíram de seus respectivos países acompanhando seus maridos ou outros familiares. Na perspectiva teórica definida no livro *Memórias das Mulheres no Exílio*, organizada por Costa (1980), a definição de exilada pode ser descrita como:

São exiladas as perseguidas, as punidas, as presas e torturadas. São exiladas as que sofreram perseguições indiretas. Esposas, mães, filhas e amantes. São exiladas as que perderam suas condições de trabalho, também aquelas que não puderam suportar o sufoco numa sociedade onde a ditadura desenvolveu e potenciou tantas formas de opressão. E ainda aquelas que teimaram em ser livres onde as liberdades estavam cerceadas (Costa, 1980, p.18).

Importa relacionar o conceito estudado com os percalços de María de la Luz Cervantes, protagonista do conto *Só Vim Telefonar*. Esses percalços não são únicos

e exclusivos dela, são percalços frequentemente vividos por mulheres que foram silenciadas, não só por seus familiares, maridos e companheiros, mas por instituições que as impediram de falar, de pedir ajuda, de ser quem elas eram e de explorar suas verdadeiras identidades.

No entorno da ditadura e do exílio, emerge a violência intercambiando esses eventos históricos e desumanos vivenciados em muitos países da América Latina. Violência que é física, mas que é simbólica, institucionalizada e existente na concepção de distintos processos sociais, os quais increrem “um notável emprego de meios coercitivos” (BOBBIO; MATTENCCI; PASQUUINO, 1998, p. 94).

Nesta perspectiva, é possível entender que o “princípio da legitimidade do poder pode desencadear a violência” (BOBBIO; MATTENCCI; PASQUUINO, 1998, p. 92) e, desse modo, utilizar dispositivos opressores legitimados na história da humanidade. A violência representada no conto *Só Vim Telefonar* é avalizada pelo silenciamento de María, na tentativa da personagem se comunicar e na impossibilidade de ela telefonar diante dos ruídos da história que contextualizaram as vidas de latino-americanos e latino-americanas.

ESTUDO DO CONTO *SÓ VIM TELEFONAR*

O conto *Só vim telefonar* narra a história da personagem María de la Luz Cervantes, mexicana, esposa de Mago, com quem trabalha como assistente. A obra ficcional intitulada *Doze contos peregrinos*, cuja narrativa do conto estudado se encontra, sugere que cidadãos latino-americanos estão envoltos em situacionalidades políticas, sociais, históricas e culturais da América Latina.

Neste íterim, excertos do conto de Márquez ilustram um debate analítico e crítico, contextualizado histórico-politicamente e na perspectiva da representação que o escritor atribui à personagem María. Logo no início do conto, o narrador onisciente deixa o leitor saber que María precisa telefonar, conforme sugere o fragmento: “Depois de se despedir de sua vizinha de assento, María quis devolver-

lhe a manta, mas ela falou que cobrisse a cabeça para atravessar o pátio e que a devolvesse na portaria. - Será que lá tem telefone? - perguntou María” (García Márquez, 1992, p.105). Assim, a mulher com que a protagonista fala confirma que há telefone e depois deseja boa sorte à María.

Na sequência da narrativa, o leitor logo observa que há um descaso da mulher que deu carona à María, pois essa não ajudou na identificação da protagonista. Em um ambiente potencialmente perigoso, desafiador e insalubre para as internas, María é deixada sem cuidado algum que a resguardasse e demonstrasse que não era uma das loucas do sanatório ou manicômio. Importa sublinhar que esta instituição, socialmente estigmatizada e originalmente relacionada às doenças mentais e destinada ao tratamento e cura, neste tecido literário, pode ser interpretada como espaço-tempo para confinamento, controle e repressão, onde aqueles que se opunham à política vigente permanecem isolados, excluídos, silenciados e confinados.

No contexto da personagem María, sua negligência fez com que ela ficasse totalmente à mercê das circunstâncias e dos olhos mal-intencionados de qualquer pessoa que quisesse impor autoridade sobre ela. Conforme a narrativa marca, “María seguiu com as outras mulheres por um corredor tenebroso” (García Márquez, 1992, p. 106). Neste contexto, Márquez ainda narra que María avista uma mulher, que ela pensa ser “mais humana e de hierarquia mais alta [...]”. Quando chegou na frente de María surpreendeu-se que “ela não levasse a identificação” (García Márquez, 1992, p. 106). Nesta perspectiva, podemos observar que María está desprovida de sua identidade e isso faz com que ela não consiga provar quem é. O apagamento e silenciamento de María representados no conto sugerem que há uma identidade intrusa e imposta que predomina e essa outra identidade “pode se cravar sobre aquela que nós mesmos escolhemos e construímos” (Bauman, 2005, p. 45).

Na narrativa de *Só vim telefonar*, ainda que María explique como se chama, “a mulher não encontrou seu nome depois de repassar a lista várias vezes. Perguntou alarmada a uma guarda, e esta, sem nada para dizer, sacudiu os ombros. - É que

eu só vim para telefonar - disse María" (García Márquez, 1992, p. 106). Assim, fica evidenciado que, possivelmente, a ausência de identidade introjetada em María é uma representação da identidade coletiva de latino-americanos e latino-americanas diante dos opressores na América Latina no período de ditaduras. Essa ausência de identidade torna a personagem vulnerável, o que faz com que María se dissolva e desapareça entre as internas, tornando-se mais uma. É o início do martírio e da violência que ela sofre enquanto sua liberdade começa a ser cerceada. María não é a causadora de seu exílio, mas sim, vítima de um sistema que a mergulha no esquecimento e a afasta de si mesma.

A narrativa sugere que a explicação de María não é suficiente para gerar uma busca mais detalhada sobre sua origem, demonstrando seu estado de abandono e omissão por parte das pessoas que deveriam ser responsáveis, principalmente a instituição que a recebe. Ao pedir repetidamente para apenas dar um telefonema, María começa a perder o contato externo e extrínseco, com sua vida, com seus familiares e acaba por ser isolada do seu mundo. Na narrativa é possível ler:

Assustada, escapou correndo do dormitório, e antes de chegar ao portão uma guarda gigantesca com um macacão de mecânico agarrou-a com um golpe de tigre e imobilizou-a no chão com uma chave mestra. María olhou-a de viés paralisada de terror. - Pelo amor de Deus - disse. - Juro pela minha mãe morta que só vim telefonar (García Márquez, 1992, p. 107).

A violência física imposta à María como forma de coerção a quem tenta de alguma forma fugir de algo injusto é um padrão típico de forçar submissão a um sistema imposto, sem chances e nem piedade. María não é mais dona de si e está finalmente encarcerada. A explicação de María parece ser simples demais para ser verdadeira, e é sem grandes pormenores, tratada sem relevância alguma. Mesmo gritando desesperadamente, ela se vê na mais profunda solidão e descaso: "Para que María dormisse a primeira noite, tiveram de lhe injetar um sonífero [...] estava amarrada pelos pulsos e pelos tornozelos nas barras da cama. Ninguém acudiu aos

seus gritos” (García Márquez, 1992, p. 108). O desespero acaba por imergir María em uma total desesperança de ser ouvida, se sentia desamparada, tal como Caetano Veloso relata no documentário *Narciso em Férias* (2020), quando na prisão, anterior ao exílio em Londres, ele se sentia ressequido, como se seu espírito não pudesse fluir.

Assim é representada María, abandonada, completamente isolada; vulnerável e sozinha ela sucumbe a uma força maior do que ela que a atormenta e a amarra. No fragmento da narrativa que segue, María encontra-se com o médico:

María desafogou-se sem pudor, como nunca havia conseguido com seus amantes casuais nos tédios de depois do amor. Enquanto a ouvia, o médico a penteava com os dedos, arrumava o travesseiro para que respirasse melhor, a guiava pelo labirinto de sua incerteza com uma sabedoria e uma doçura que ela jamais havia sonhado. Era, pela primeira vez em sua vida, o prodígio de ser compreendida por um homem que a escutava com toda a alma sem esperar a recompensa de levá-la para a cama. Após uma longa hora, desafogada até o fim, pediu-lhe autorização para telefonar para o seu marido. O médico levantou-se com toda a majestade de seu cargo. “Ainda não, princesa”, disse, dando em sua face o tapinha mais terno que ela jamais havia sentido. “Cada coisa tem sua hora.”. Da porta, fez uma bênção episcopal, e desapareceu para sempre (García Márquez, 1992, p. 108-109).

Nesta passagem da narrativa, María acredita que é ouvida por alguém, o médico do sanatório, e desafoga sua tristeza diante dele. Era acostumada em seu ser de mulher a ser objeto de desejo e interesse sexual, então se impressiona ao ser ouvida com aparente atenção, porém, ela se entenece quando se vê realmente silenciada mesmo naquele momento de esperança e beleza. O desfecho daquele lapso foi que, mesmo sendo escutada ela realmente não estava sendo ouvida. É fato que o final da história, a qual ela estava acostumada, foi o mesmo de sempre, indiferença, incompreensão e solidão. Então, neste cenário, a narrativa apresenta que María “foi inscrita no asilo com um número de série, e com um comentário superficial sobre o enigma da sua procedência e as dúvidas sobre sua identidade. Na margem ficou uma qualificação escrita a mão pelo diretor: agitada” (García Márquez, 1992, p.109).

María passa a ser somente um número e ainda recebe injustamente o adjetivo de agitada, sendo que nem por um momento agitou-se ou demonstrou ser ou estar alterada. Sozinha e longe de casa, invadida em seu íntimo e roubada de si, María não é reconhecida em sua inteireza e totalidade e é explorada e arrancada de sua soberania, mergulhada no caos interno e sujeitada aos mais imerecidos adjetivos, apenas por não ser reconhecida nos padrões de sanidade impostos pelo sistema. É possível vermos María como uma identidade latino-americana exilada, violentada geograficamente, historicamente espelhada e irreconhecível nas formas europeias, porém, tal qual um continente, em busca de si.

Conforme exemplifica Octávio Ianni, a América Latina parece que foi “desenhada na história e geografia. Foi inventada pelo mercantilismo, modificada pelo colonialismo, transformada pelo imperialismo e transfigurada pelo globalismo. Nunca adquire sua plena fisionomia, seja como um todo, seja em suas nações” (Ianni, 2005, p.4). Em diálogo teórico com o autor, é possível estabelecer relação com a representação que Gabo faz de María e compreender que ela é quem tenta se explicar, vê-se incompreendida e irremediavelmente calada por forças que não se importam em ouvi-la, nem sequer esforçando-se para isso. A protagonista deve obedecer e contentar-se em ser rotulada, desenhada e significada como agitada diante das incertezas, dúvidas e violências impostas a ela.

Márquez narra que María sobrevive mal e “comendo quase nada daquela pitaça de cárcere com os talheres acorrentados à mesona de madeira bruta, e os olhos fixos na litografia do general Francisco Franco que presidia o lúgubre refeitório medieval” (García Márquez, 1992, p. 116). O busto de Francisco Franco, ditador espanhol, cai como uma luva na circunstância em que María se encontra, pois, o general aparece como símbolo do cárcere pelo qual ela é submetida, símbolo esse que se coloca firme, sem pudor, lembrando do exílio e simbolizando a vigília que o poder tem sobre as encarceradas naquela instituição. Toda a frieza, a escuridão e a aspereza do ambiente remete ao lúgubre, à serviço da lembrança controladora, opressiva, pesada e sufocante;

os olhos que vigiam e punem aquelas que não se enquadram a um molde que sujeita e humilha. No conto, não apenas María, mas outras mulheres passam pela mesma situação de cárcere, solidão e medo.

O mais duro era a solidão das noites. Muitas reclusas permaneciam despertas na penumbra, como ela, mas sem se atrever a nada, pois a vigilante noturna velava também no portão fechado com corrente e cadeado. Certa noite, porém, abrumada pela tristeza, María perguntou com voz suficiente para que sua vizinha de cama escutasse: - Aonde estamos? A voz grave e lúcida da vizinha respondeu: - Nas profundas do inferno (García Márquez, 1992, p. 117).

Neste coletivo, há a busca pela presença humana, pelo outro na mesma condição, pelo som das vozes, pela identificação de não se sentir sozinha, mas compartilhando da dor e da tristeza. No fragmento que segue, María sofre mais violência:

Quando se convenceu de que todas as reclusas dormiam, a guarda aproximou-se da cama de María, e murmurou em seu ouvido todo tipo de obscenidades ternas, enquanto beijava sua cara, o pescoço tenso de terror, os braços tesos, as pernas exaustas. No fim, achando talvez que a paralisia de María não era de medo e sim de complacência, atreveu-se a ir mais longe. María deu-lhe então um golpe com as costas da mão que a mandou contra a cama vizinha (García Márquez, 1992, p.118).

María se vê assediada e abusada sexualmente diante de uma das guardas que se aproveita de seu lugar de autoridade frente à María, uma simples paciente. Diante do exílio e do isolamento, as regras são outras e não se é dono de seu próprio corpo sem que se tenha que muitas vezes apelar para a violência e/ou negociar a única coisa que ainda resta, a dignidade. Sendo desprovida de qualquer poder e capacidade de negociação, sua revolta ou resistência passa a ser “aniquilada com uma mangueira de água gelada” (García Marquez, 1992, p. 120). Ainda, “injetaram

terebintina em suas pernas. Impedida de caminhar por causa da inflamação provocada, María percebeu que não havia nada no mundo que não fosse capaz de fazer para escapar daquele inferno” (García Marquez, 1992, p. 120).

E, sua única moeda de troca possível torna-se o próprio corpo, que passa à sujeição e humilhação de servir como barganha para obter alguma vantagem. Conforme a narrativa mostra, na “semana seguinte, já de regresso ao dormitório comum, levantou-se na ponta dos pés e bateu na cela da guarda da noite. O preço de María, exigido de antemão, foi levar um recado ao seu marido” (García Márquez, 1992, p.120). Ao conseguir esse contato com o familiar, María se enche de esperança de que seu exílio injusto esteja chegando ao final e vê uma luz no fim do túnel. Colocada como uma enferma mental sem nunca ter passado por tratamento algum, a não ser o simples e mero cárcere, o diagnóstico nem sequer é apresentado ou discutido. Quem discorre sobre seu estado de saúde mental são dois homens que a conhecem muito pouco, seu marido e o médico do sanatório, que respondem por ela e decidem sobre seu futuro.

No fragmento que segue é possível observar como o marido vê uma possibilidade de melhor controlá-la se ela ficar no sanatório, ele se sente dono do futuro dela.

Já nem sei há quantos dias estou aqui, ou meses ou anos, mas sei que cada um foi pior que o outro - disse, e suspirou com a alma. - Acho que nunca voltarei a ser a mesma. - Agora tudo isso passou - disse ele, acariciando com os dedos as cicatrizes recentes de sua cara. - Eu continuarei a vir todos os sábados. E até mais, se o diretor permitir. Você vai ver como tudo dará certo. Ela fixou nos olhos dele seus olhos aterrorizados. [...] Por Deus, coelho! - disse, atônita. - Não me diga que você também acha que estou louca! - Nem pense nisso! - disse ele, tratando de rir. - Acontece que será muito mais conveniente para todos que você fique aqui algum tempo. Em melhores condições, é claro. - Mas se eu já te disse que *só vim telefonar*! - falou María (García Márquez, 1992, p.122-123).

O que ela não supunha era que seria ignorada pela única pessoa naquele lugar que poderia lhe ajudar. Nesta perspectiva de interpretação crítica, conforme o conto é narrado, identificamos que *Só vim telefonar* sugere a peregrinação da personagem María em busca de conseguir provar sua identidade diante de um sistema que a oprime e cala. A personagem sofre as consequências dos ruídos da história da América latina, do sistema projetado para sufocar, aprisionar e silenciar qualquer manifestação.

Essa luta constante de María entre a esperança e a desesperança é narrada por García Márquez como uma viagem pela psique humana silenciada, que tenta se livrar dos grilhões impostos e encontrar de alguma forma uma saída viável diante de todo exílio e sofrimento. María, tachada como louca, vê-se tomada de seu próprio corpo e assim como o mundo exterior que se esconde no erro, permite que sua consciência adormeça no sonho, mas não desiste de si e continuamente vive sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo de realizar uma análise literária do conto *Só vim telefonar*, da obra *Doze contos peregrinos* (1992), de Gabriel García Márquez e de considerar a peregrinação da personagem María de la Luz Cervantes, é possível afirmar que esse conto sugere que a violência da ditadura oprimiu a sociedade, marcou, exilou, silenciou e violentou, ao longo dos anos 60, 70 e 80, todo um continente. Ditadura e exílio são duas entidades gêmeas no sentido de que uma conduz à outra.

Nesta contextura, quando García Márquez nos relata a história de sua personagem María, a partir da tentativa dela em provar sua identidade, ele pontua, tal qual como um maestro minucioso, as notas que permeiam a tessitura de uma América Latina. Narra, assim, a busca de identidade de sua protagonista, a fuga simultânea dela em seus próprios demônios, arrependimentos, compreensão e aceitação de si. Mesmo longe de sua terra natal, mesmo longe do espaço ao qual María está inserida, ela tenta não se perder e, principalmente, não se esquecer de quem é.

Na condição realista e ao mesmo tempo mágica do texto de García Márquez, ele busca uma forma de trazer o sofrimento de modo ficcional sem deixar de demonstrar a frieza, a aspereza e a estupidez que permeiam a violência do exílio. Em um momento histórico onde a civilidade foi esquecida, sua escrita literária nos arrasta para uma realidade atual sustentada e socialmente presente nos pequenos exílios do cotidiano que nos colocam frente a frente com os desafios de sermos latino-americanos e nas vulnerabilidades políticas que assolam nossos tempos diante da ascensão dos neofascismos pelo mundo.

Ao escrever a realidade no viés da literatura e de sua própria experiência como exilado, García Márquez nos impulsiona a refletir acerca de uma realidade que não está acabada. Com sua narrativa o leitor coloca-se em diálogo com a história que está longe de ser linear. Neste entorno, segundo aponta Edward Said (2003), a cultura ocidental moderna é, basicamente, o resultado do esforço de exilados, emigrantes e refugiados, pois grande parte da cultura europeia e estadunidense foi construída sobre os ombros de exilados dos fascismos predominantes no século XX. Com efeito, García Márquez é um escritor que nos conduz pelos ruídos, tempestades e vendavais históricos que amordaçaram a América Latina durante grande parte do século passado.

Como resultado do estudo, concluímos que a literatura latino-americana está fortemente arraigada em sua própria história, por isso é múltipla, heterogênea, atual e contemporânea na forma como se apresenta. No conto, *Só vim telefonar*, Gabo nos possibilita deslocamento, reflexão e reconhecimento das possíveis representações da realidade de latino-americanos e latino-americanas. Por meio da ficção e do realismo mágico, o Nobel de Literatura narra o exílio de María, de seu próprio exílio e do coletivo de exilados marcados pelas violências na América Latina.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOBBIO, et al. **Dicionário de Política**. 11 ed. Tradução e João Ferreira et al. Brasília: UnB, 1998.

COSTA, Albertina. et. al. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COSTA, Adriane A. Vidal. Literatura e Política: O Livro De Manuel De Julio Cortázar. **História Revista**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 295-313, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/hr.v13i2.6614>. Acesso em: 22 , jul. 2024.

DURÃO, Fábio. DEBATE: Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **Delta**, São Paulo, vol. 31, n. especial. ago, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>. Acesso em: 11 ,maio. 2024.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Doze contos Peregrinos**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 1992.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **La soledad de América Latina**. Discurso de aceitação do Prêmio Nobel. 1982. Disponível em: <https://www.cultura.gob.cl/agendacultural/la-soledad-de-america-latina-gabriel-garcia-marquez/>. Acesso em: 02, jun. 2024.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

IANNI, Octávio. **Enigmas do Pensamento Latino-Americano**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/iannicienciassociais.pdf/view>. Acesso em: 03 ,jun. 2024.

NARCISO em férias. Direção: Ricardo Calil, Renato Terra. Produção: Paula Lavigne. Rio de Janeiro: Globoplay, 2020. 1 vídeo (1h23min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8836951> . Acesso em: 03, jun. 2024.

PADRÓS, Enrique Serra. **Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas**. In FICO, Carlos et al (orgs.). Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 143-178.

PIGLIA, Ricardo. **Respiración artificial**. Buenos Aires: Planeta, 1998.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. vol. 1. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo 3. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

Contribuição de Autoria

1 – Robson Pereira da Rosa

Graduando do Curso de História da Universidade Franciscana (UFN).
Universidade Franciscana
<https://orcid.org/0009-0000-2289-6993> • robsonbonham@gmail.com
Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição

2 – Adriana Martins

Doutora em Educação (UFSM/2014) e doutora em Letras/Estudos Literários (UFSM/2021);
Universidade Franciscana
<https://orcid.org/0000-0003-1830-577X> • adriana.martins@ufn.edu.br
Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

PEREIRA DA ROSA, R.; MARTINS, A. Silenciamentos e ruídos da história latino-americana no conto Só vim telefonar, de Gabriel García Márquez. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e88408, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X88408> Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/88408>. Acesso em: xx/xx/xxxx